

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

ANA LÚCIA FELIPPE FEIJÓ

**OS 110 ANOS DA ASSOCIAÇÃO SATÉLITE PRONTIDÃO EM UMA VIAGEM
ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

Porto Alegre

2013

ANA LÚCIA FELIPPE FEIJÓ

**OS 110 ANOS DA ASSOCIAÇÃO SATÉLITE PRONTIDÃO EM UMA VAIGEM
ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

Trabalho de conclusão do Curso de
Especialização em Pedagogia da Arte da
Faculdade de Educação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Dra. Suzana Rangel Vieira da Cunha

Porto Alegre
2013

DEDICATÓRIA

Dedico este projeto ao meu pai Nilo Feijó, pelo árduo trabalho que realiza á mais de 20 anos na Associação Satélite Prontidão. Que sua luta incansável em prol da etnia negra sirva de exemplo á todos que compartilham da ideia de que o mundo deve ser um lugar igualitário para todos, brancos e negros. E a todos os ex presidentes do clube que também de maneira magistral empenharam-se para que esta sociedade se mantivesse ativa até os dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho quero e preciso dizer um muito obrigado aos meus queridos amigos:

Pablo Rosa, Isamara dos Angelos, Nucia Margoth Moreira, Carmem Silvia Machado Fontoura, Iara Neves, Allan Martins, Eloi Dias dos Angelos, Vera Cruz e ao meu “namorado” Leandro Riefel. Obrigado pela paciência e por terem dedicado o tempo de vocês para que eu realizasse este projeto! Agradeço também aos professores e coordenação do curso de Pós-graduação em Pedagogia da Arte pela dedicação e empenho.

EPIGRAFE

“... a preservação dos clubes e sociedades negras é uma questão da mais alta relevância se considerarmos que eles são nichos culturais e representam fragmentos preciosos da história e cultura do país.”

Nilo Alberto Feijó
(presidente em exercício da Associação Satélite Prontidão)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral resgatar parcialmente, a partir de fotografias e relatos orais, a história da Associação Satélite Prontidão, um clube social fundado por ex-escravos. Durante a década passada, firmou-se como um importante polo de preservação e manutenção da cultura negra gaúcha, promovendo através de seus inúmeros eventos a exaltação e orgulho da negritude, tornando-se um dos expoentes mais importantes dentro da história da cidade de Porto Alegre, servindo como referencial para várias gerações de negros e negras. Definindo-o como um Território Negro, com base nos argumentos levantados pelo autor Iosvaldir Bittencourt Junior. A intenção será enfocar também o papel da mulher negra dentro desta entidade, como agente agregador e transformador. A história da mulher negra ontem e o que deseja hoje. Embasado pela autora Maria Ivette Ennes. Parte desta trajetória será mostrada através da fotografia, utilizando-se do conceito criado por Luiz Eduardo Achutti sobre fotoetnografia e da beleza e simplicidade da imagem enfatizada por Jacques Rancière ;

Palavras chave: território negro, mulheres, cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: PINTURA Á ÓLEO DA PRIMEIRA SEDE PRÓPRIA DA ASP FEITA PELO EX PRESIDENTE DO CLUBE SR. JOSÉ ANERON.	12
FIGURA 2: INAUGURAÇÃO DA SEDE PRÓPRIA; NA FOTO ESTÃO PRESENTE O DEPUTADO CARLOS SANTOS, O EX GOVERNADOR ALCEU COLLARES E O CANTOR LUPICÍNIO RODRIGUES.	13
FIGURA 3: INAUGURAÇÃO DAS REFORMAS DA SEDE NOS ANOS 80.	13
FIGURA 4: ALMOÇO DE INAUGURAÇÃO DAS REFORMAS DA NOVA SEDE NOS ANOS 80; PRESENTES NA FOTO O EX PRESIDENTE DO CLUBE SR. ELOI DIAS DA ANGELOS (DE BRANCO AO CENTRO), O EX GOVERNADOR ALCEU COLLARES E O EX VEREADOR VITON ARAÚJO.	14
FIGURA 5: GRANDE REFORMA DO CLUBE NO FINAL DOS ANOS 80, INÍCIO DOS 90 QUE RESULTOU... ..	14
FIGURA 6: NESTA SEDE QUE DUROU MAIS DE 30 ANOS NO BAIRRO GLÓRIA EM PORTO ALEGRE.	15
FIGURA 7: FACHADA DA ÚLTIMA SEDE ADQUIRIDA EM 2010 SITUADA NA ZONA NORTE DE PORTO ALEGRE, MANTEM-SE EM ATIVIDADE ATÉ OS DIAS ATUAIS..	15
FIGURA 8: GRUPO DE SENHORAS PRONTISTAS REALIZANDO O TRADICIONAL CHÁ DA ASP; ANOS 90	17
FIGURA 9: GRUPO JOVEM DA ASP NOS ANOS 80	18
FIGURA 10: GRUPO JOVEM DA ASP NOS ANOS 90;	18
FIGURA 11: GRUPO JOVEM DA ASP- RAZÃO NEGRA, ANOS 70;	19
FIGURA 12: DEBATES SOBRE TEMAS IMPORTANTES PARA A COMUNIDADE NEGRA PROMOVIDOS PELO GRUPO JOVEM RAZÃO NEGRA, ANOS 70;	20
FIGURA 13: BAILE DE DEBUTANTES, ANOS 50;	21
FIGURA 14: BAILE DOS SOLTEIROS, ANOS 60;	21
FIGURA 15: BLOCO DE CARNAVAL, ANOS 50;	22

FIGURA 16: BLOCO DE CARNAVAL, ANOS 70;.....	23
FIGURA 17: BLOCO DE CARNAVAL, ANOS 2000;.....	23
FIGURA 18: TROFÉU ZUMBI DOS PALMARES	24
FIGURA 19: TROFÉU ZUMBI ENTREGUE Á GINASTA OLÍMPICA DAIANE DOS SANTOS, AQUI REPRESENTADA PELOS SEUS PAI	25
FIGURA 20: PROFESSORA IARA BITTENCOURT NEVES	26
FIGURA 21: PROFESSORA IARA NEVES, QUE HÁ MAIS DE 20 ANOS TRABALHA NA ASP E SUA FILHA IOLE NEVES, RAINHA DO CLUBE NOS ANOS 90;.....	26
FIGURA 22: ALUNOS DO PRÉ-VESTIBULAR DA ASP EM SALA DE AULA;.....	27
FIGURA 23: SALA DE AULA DO PRÉ-VESTIBULAR DA ASP	28
FIGURA 24: GRUPO DE COORDENADORES E PROFESSORES DO PRÉ-VESTIBULAR DA ASP.....	28
FIGURA 25: ASP DECLARADA PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO R.....	29
FIGURA 26: CORAL DA TERCEIRA IDADE DA ASP;.....	30
FIGURA 27: PROJETOS DE DANÇA E MÚSICA COM CRIANÇAS;.....	31
FIGURA 28: EXPOSIÇÕES DE ARTES PLÁSTICAS PROMOVIDOS PELA ASP, ANOS 80;.....	31
FIGURA 29: RAINHA DO CARNAVAL DE 1932 DA ASP	36
FIGURA 30: ENCENAÇÃO DA PEÇA ORFEU DA CONCEIÇÃO;	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UM POUCO DA HISTÓRIA:	11
2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA 2: SOBRE O SATÉLITE PRONTIDÃO	16
2.2 JUSTIFICATIVA	27
3 METODOLOGIA: NEGRAS IMAGENS EM FOCO.....	32
4 PARTICIPAÇÃO FEMININA NA ASP	35
5 TERRITORIALIDADE NEGRA.....	40
6 ANÁLISE.....	43
7 CONCLUSÃO.....	46

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho mostrarei sobre a trajetória da Associação Satélite Prontidão, um clube fundado há 110 anos por ex escravos que teve como princípios não só promover eventos recreativos mas também, manter um compromisso em divulgar e preservar a cultura negra gaúcha. Uma visão abrangente de sua atuação cultural, social, educacional e recreativa passada e presente e uma análise de como suas ações tiveram significado junto à sociedade em geral e à comunidade negra, em particular.

Um dos instrumentos utilizados por mim será a fotografia e aqui será usada para mostrar um sequencia de imagens de várias décadas, desde o século passado até os anos mais recentes, que também servirão para contar e ilustrar a história do clube utilizando dos conceitos de fototnografia desenvolvidos pelo sociólogo Luiz Eduardo Achutti. Enfatizarei a sociedade como sendo um lugar de resistência cultural, ou seja, um Território Negro Urbano conceito o qual eu irei explicar e contextualizar. Dentro deste universo de novos conceitos os quais eu descobri, irei mencionar sobre o papel da mulher negra desde a época em que veio como escrava para o Brasil até os dias de hoje em que continua sua luta por seu espaço sem ser discriminada; além de enfatizar a trajetória da mulher dentro do clube, como ocorreram as transformações para que a mesma tivesse uma participação mais ativa.

Através de entrevistas com pessoas de ambos os sexos e idades distintas, observarei quais suas impressões com relação ao trabalho que há 110 anos vem sendo desenvolvido pelo Satélite Prontidão. Quais suas visões sobre o papel da mulher, do jovem, o que é importante que continue acontecendo e quais suas expectativas com a ASP para o futuro.

Para tanto, o trabalho foi organizado da seguinte forma: breve histórico do Clube Associação Satélite Prontidão; Conceituação de território negro e fototnografia e o papel da mulher negra no clube; o relato detalhado das entrevistas se encontrarão em anexo ao final deste trabalho;

Os 110 anos da Associação Satélite Prontidão em uma viagem através da fotografia.

2 UM POUCO DA HISTÓRIA:

A Lei Áurea determinaria uma nova leitura sobre a realidade da comunidade negra, após a abolição. Na verdade, os problemas referentes às alforrias estavam solucionados, porém a partir daquele ato uma série de dificuldades exporia de forma dolorosa as carências daquele povo e entre tantas, me permito salientar, algumas como a permanência da falta de espaços para morar ou enterrar os seus familiares, a inexistência de meios que possibilitem o atendimento dos doentes e fundamentalmente a ausência de oportunidades de trabalho considerando que eles, na sua maioria, haviam sido substituídos por imigrantes vindos da Europa justo quando o país, paralelamente a lei, obrigava-se a adotar novas técnicas no tratamento de suas culturas. Estava acontecendo no país e nos Estados, um processo de embranquecimento da população, o que chamavam de “política de higienização das cidades” (SOMMER, 2011, p.96).

Este quadro desfavorável se agravaria ainda mais com o estado de analfabetismo do povo negro, sabidamente por imposição. Associados a outros preconceitos, seria ele o grande responsável pela limitação de quase todas as oportunidades de trabalho, vitais a manutenção e sobrevivência de qualquer etnia.

Os imigrantes europeus, por outro lado, vieram para trabalhar no Brasil em condições diferenciadas. Formavam colônias extremamente fechadas e, muito embora falassem também outros idiomas, tinham a seu favor a evidência de serem brancos, o que lhes propiciava facilidade de relacionamento e negociação junto às classes sociais e políticas do Estado, caracterizando deste modo, espécie de parceria por conveniência.

Abandonados á própria sorte, os negros estavam sendo confinados a solidão dos guetos e, a partir daí, passou a viver um período de transição de longos e difíceis anos, na expectativa de mudanças nas relações humanas de uma sociedade que persistia em rejeitá-los. Segundo AMARO (2002) o autor reforça esta ideia de que o negro sofreu com a maneira como a abolição foi executada neste país ao afirmar: “Para possuir outra identidade além da de ex-escravo e afrodescendente, os negros enfrentaram dificuldades enormes para construir uma identidade social valorativa e derrubar os estereótipos erguidos pela sociedade brasileira que os aceitam com reservas, a sua cultura de origem, religião, mas de outro lado os rejeitam indiretamente aos lhes obstaculizarem o acesso e a ascensão social no mercado de trabalho”.

Resistiram porque sendo fortes e inteligentes conseguiram modificar a história inserindo-se no contexto da vida social e urbana das cidades por seus méritos. Encarando as atividades raras e singelas com grande responsabilidade. Este comportamento abriria

caminhos novos para novas ocupações, fora aquelas em que se tornaram especialistas, como a lida com o campo, a lavoura, o gado e a variedade de afazeres da Casa Grande.

Ao mesmo tempo em que evoluíam e lutavam por novos espaços, entendiam que era imprescindível a formação de núcleos sociais voltados não só ao entretenimento, mas especialmente ao fomento da educação (alfabetização) e ações de fundo cultural e assistencial. Esta ideia se fortalecia com a percepção de que a sociedade não negra, por razões óbvias, não os acolhia, restando como alternativa a construção de suas entidades sociais.

O dia 20 de abril de 1902 representa o marco inicial na trajetória histórica do Satélite Prontidão. Início do século vinte, passados 14 anos apenas da abolição da escravatura, algumas famílias da comunidade negra, num processo de ascensão, unidas no propósito de construir uma sociedade que pudesse abrigar as suas culturas, suas ideias e saberes, um espaço de difusão de lazer e de entretenimento, fundaram a Sociedade Satélite Porto-Alegrense, na verdade, “Sociedade Bailante Satélite”. A Sociedade destacou-se ainda pela realização de grandes bailes nos meses de carnaval e em outros períodos do ano, em salões e inclusive no Theatro São Pedro.



Figura 1: Pintura á óleo da primeira sede própria da ASP feita pelo ex presidente do clube Sr. José Aneron.



1956 - inauguração da sede própria da Associação Satélite Prontidão

Figura 2: inauguração da sede própria; na foto estão presente o deputado Carlos Santos, o ex governador Alceu Collares e o cantor Lupicínio Rodrigues.

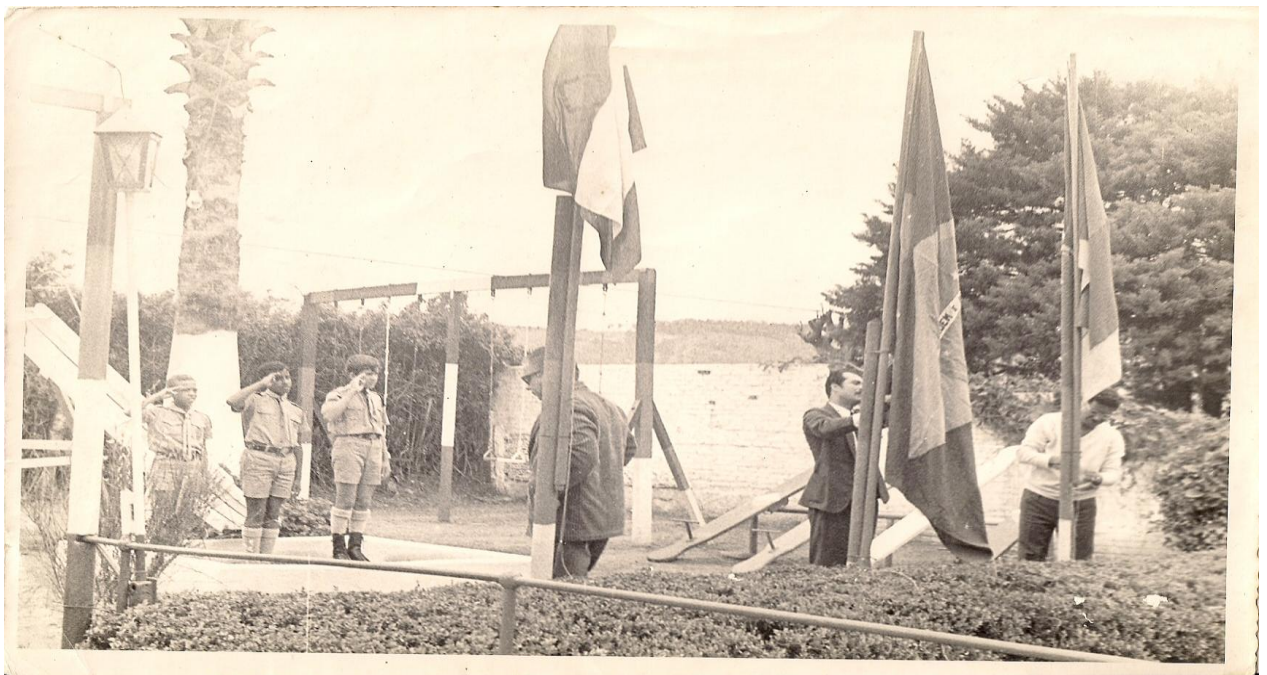


Figura 3: inauguração das reformas da sede nos anos 80.



Figura 4: almoço de inauguração das reformas da nova sede nos anos 80; presentes na foto o ex presidente do clube Sr. Eloi Dias da Angelos (de branco ao centro), o ex governador Alceu Collares e o ex vereador Viton Araújo.



Figura 5: grande reforma do clube no final dos anos 80, início dos 90 que resultou...



Figura 6: nesta sede que durou mais de 30 anos no bairro Glória em Porto Alegre.



Figura 7: fachada da última sede adquirida em 2010 situada na zona norte de Porto Alegre, mantém-se em atividade até os dias atuais

2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA 2: SOBRE O SATÉLITE PRONTIDÃO

Vou iniciar contando um pouco sobre quem eu sou e porque este trabalho terá como foco o clube Associação Satélite Prontidão.

Porque este clube é tão importante para mim? O clube foi mais do que um ponto de encontro entre famílias negras desde o início do século passado.

Foi um local de preservação da nossa cultura, isto porque desde que nasci o frequento. Lá encontrava com outras crianças iguais á mim, lá ouvíamos as nossas músicas, falávamos sobre assuntos que nos interessavam e enriqueciam como: combate ao racismo, religião afro brasileira, prevenção de doenças características da etnia negra entre outros.

Tive o privilégio de nascer em uma família de classe média, meu pai trabalhou desde muito jovem e garantiu-nos estudarmos em escolas particulares, termos uma boa casa, boas roupas, viajarmos etc. Eu e meus irmãos desde pequenos sempre nos relacionamos com crianças de outras etnias, pois os lugares que frequentávamos eram também frequentados na sua maioria por adultos e crianças brancas.

As relações de amizade com outros negros era com as pessoas de nossa família e no Satélite Prontidão, por isso a importância de se sentir igual. Era também lá que eu me sentia mais acolhida, era ali que nossas mães se reuniam para preparar “quitutes” que aprenderam com suas mães, fazeres e conhecimentos que perpassaram de geração em geração; histórias, músicas, literatura, artes tudo era rico e valorizado. Esta tradição de perpetuar histórias através da oralidade era uma das maneiras mais simples de se transmitir o conhecimento que se possuía. Histórias que passavam por várias gerações e faziam parte da construção da identidade daqueles grupos de mulheres que frequentavam o lugar. Mães, avós, filhas, amigas se juntavam para dialogar e trocar experiências; isto porque histórias orais valorizam memórias e recordações dos indivíduos.

Rodrigues (2010, pag. 12) em seu estudo sobre oralidade urbana define que uma sociedade que está ligada a oralidade, valoriza a experiência coletiva pela exterioridade da voz. Estas histórias orais são também definidas como Literatura oral, como exemplifica.

Eu e a minha família sempre participamos dos eventos sociais e culturais que o clube promovia, minha mãe fazia parte do grupo de “Senhoras Prontistas” responsável pela realização de festas, almoços, jantares entre outros eventos que arrecadavam verbas para o clube. Este grupo é citado inclusive, no histórico do ano de fundação do Satélite, nas documentações escritas á respeito do clube. As mulheres serão um dos focos deste trabalho, a

intenção será mostrar o papel da mulher negra dentro desta entidade, como agente agregador e transformador.

Atualmente o grupo de mulheres, se reúne para trabalhar na confecção de roupas e enxovais para crianças carentes além de participar da organização de quase todos os eventos. Foram elas as responsáveis pela realização dos galletos, chás, almoços e jantares, sempre com grande sucesso e usando os resultados positivos para compra de materiais, móveis e, em algumas oportunidades, ajudando nas despesas administrativas do clube.



Figura 8: Grupo de Senhoras Prontistas realizando o tradicional Chá da ASP; anos 90

Eu e meus irmãos participamos do “Grupo Jovem” que além de também realizar festas, promovia palestras sobre assuntos de grande interesse a juventude, tanto aos filhos dos sócios quanto às comunidades próximas ao clube. Os temas abordados iam desde o uso indevido de drogas; preparação para o mercado de trabalho; elaboração de currículo profissional; “A contribuição da cultura afro no RS”, ente outros tantos de enorme importância. De acordo com as concessões e as disposições de cada época, os jovens sempre estiveram presentes atuando no clube.



Figura 9: Grupo Jovem da ASP nos anos 80



Figura 10: Grupo Jovem da ASP nos anos 90;

Destaca-se a participação de um grupo de jovens estudantes provindos do Grupo Razão Negra, que iniciaram uma discussão mais política. Foi através deles que iniciaram os primeiros questionamentos em relação á posição da sociedade e a necessidade dela transformar-se num polo político cultural, um centro de discussões dos problemas da etnia, uma vanguarda na defesa dos seus direitos e interesses, estabelecendo-se na época, um choque em termos de visão e conceitos ideológicos entre os jovens e a diretoria mais conservadora. Este grupo jovem que era agregado á Vice-Presidência e ao Departamento Cultural, muito realizou dentro da área da cultura.

Atualmente o grupo não exerce mais seus trabalhos na associação, ficando uma lacuna da falta da participação e do envolvimento da juventude com o clube.



Figura 11: Grupo Jovem da ASP- Razão Negra, anos 70;



Figura 12: Debates sobre temas importantes para a comunidade negra promovidos pelo Grupo Jovem Razão Negra, anos 70;

Segundo relatos orais e poucos documentos comprobatórios, que não se perderam na enchente de 1941 que assolou a cidade de Porto Alegre, o clube que nasceu como uma entidade carnavalesca, além de recreativa realizava atividades culturais e tinha como missão especial, o preparo educacional através de mutirões promovidos pelas senhoras daquela sociedade, que realizavam o trabalho de alfabetização de alguns de seus sócios, seus filhos e crianças do entorno da sede social que antigamente ficava na Cidade Baixa abrangendo assim toda uma comunidade. Mas, vamos conhecer um pouco mais da história deste clube.

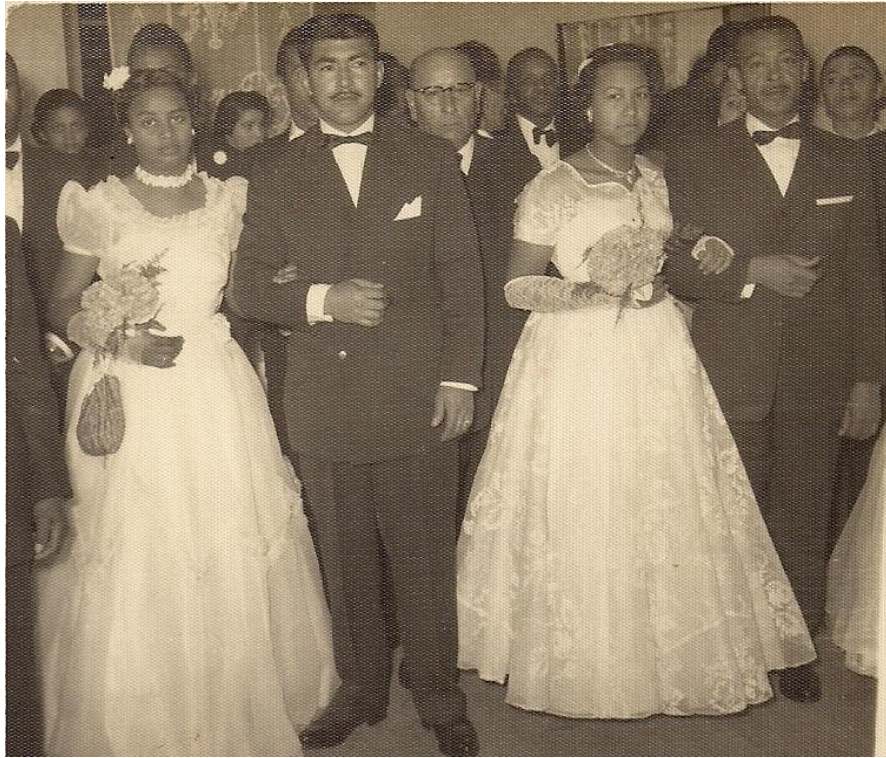


Figura 13: Baile de Debutantes, anos 50;

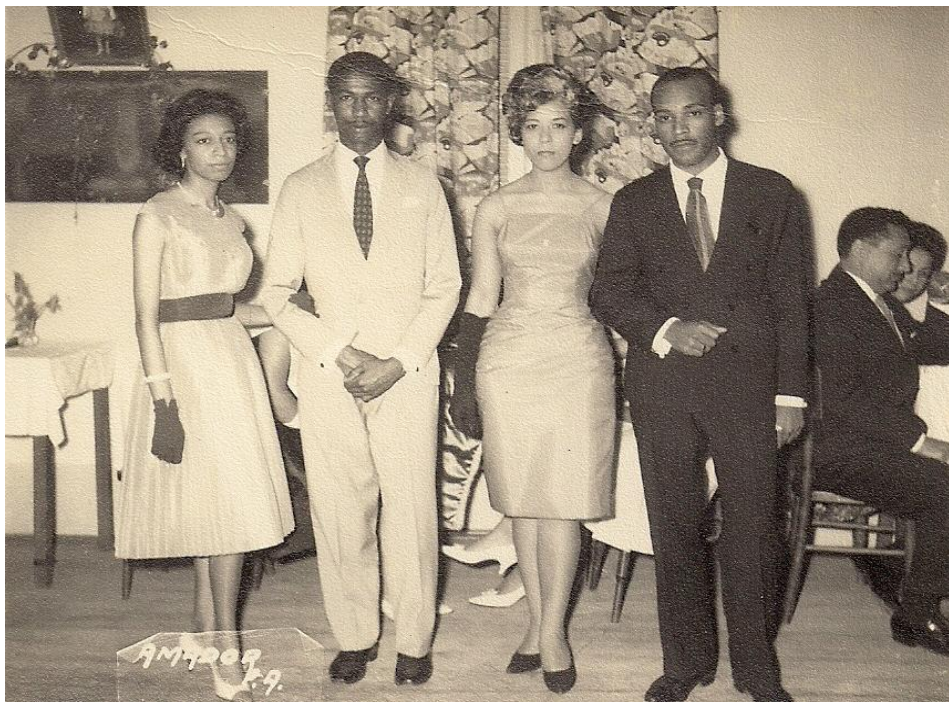


Figura 14: Baile dos Solteiros, anos 60;

O nome Associação Satélite Prontidão surgiu da fusão do Grupo Carnavalesco Prontidão, que também realizava trabalhos assistenciais como cursos de alfabetização e sessões de consultas médicas e odontológicas, com a Sociedade Satélite Portoalegrense que nesta época já havia diminuído suas atividades até a quase paralisação. Este fato ocorreu no ano de 1956, quando foi adquirido um imóvel na rua Cel. Aparício Borges, bairro Glória em Porto Alegre onde o clube permaneceu por mais de trinta anos. Após a fusão, a Associação Satélite Prontidão continuou suas atividades com destaque para a área social, onde sempre despontaram com festas de grandes públicos, os famosos Baile do Chopp, os bailes de carnaval e os bailes de aniversário da entidade que antigamente reverenciava a data da fusão, ou seja, o dia 30 de setembro, como sendo a mais importante do calendário social.



Figura 15: Bloco de Carnaval, anos 50;



Figura 16: Bloco de Carnaval, anos 70;



Figura 17: Bloco de Carnaval, anos 2000;

Nas décadas em que se seguiram a entidade prosseguiu com atividades festivas além de obter grandes avanços no que se refere às ações administrativas sociais, culturais, educacionais e filantrópicas. E hoje situada na zona norte da capital gaúcha, ainda mantém seu trabalho em prol da preservação cultural de uma etnia, promovendo através de seus inúmeros eventos a exaltação e orgulho da negritude, tornando-se um dos expoentes mais importantes dentro da história da cidade de Porto Alegre, servindo como referencial para várias gerações de negros e negras. Um evento que ocorre no clube desde 1988, é a entrega do Troféu Zumbi, prêmio este oferecido pela ASP a personalidades com trabalhos ou exemplos de vida significativos para a Comunidade Negra. O troféu foi criado pelo artista plástico negro Américo de Souza. A estatueta foi construída para simbolizar a figura libertária do herói palmarino.

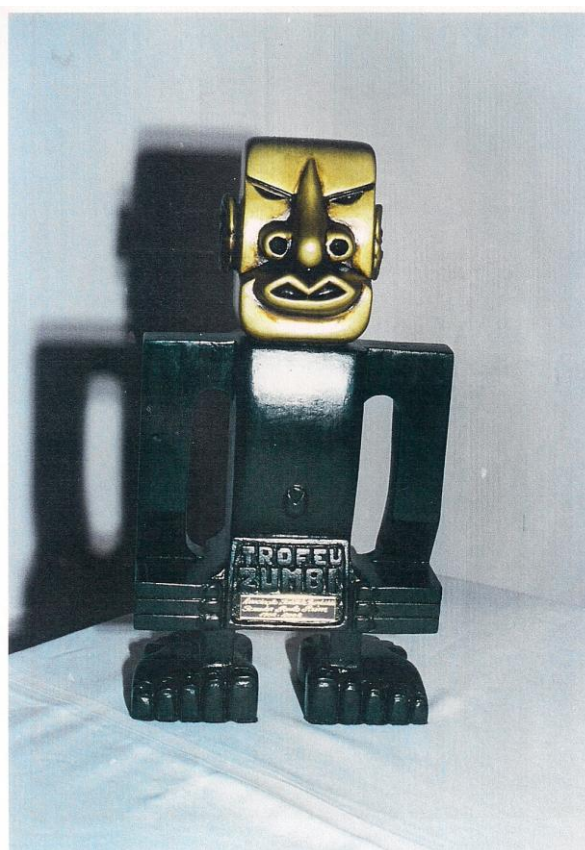


Figura 18: Troféu Zumbi dos Palmares



Figura 19: Troféu Zumbi entregue á ginasta olímpica Daiane dos Santos, aqui representada pelos seus pai

Hoje o clube se mantém através de atividades recreativas, além do pagamento das mensalidades sociais de alguns sócios. Possui um Departamento de Pesquisa e Acervos, criado e dirigido pela professora Iara Bittencourt das Neves, responsável pela montagem da biblioteca do clube que servirá para uso interno e externo, contando com uma imensa coleção de obras literárias referentes á cultura negra brasileira e gaúcha. Este departamento também é encarregado da manutenção e preservação do Memorial do Satélite Prontidão, que possuía um acervo com documentos, fotos e filmagens sobre o clube. Atualmente também se cogita a criação de uma academia nas dependências da sede social, de uso dos sócios e da comunidade.



Figura 20: Professora Iara Bittencourt Neves



Figura 21: Professora Iara Neves, que há mais de 20 anos trabalha na ASP e sua filha Iole Neves, Rainha do clube nos anos 90;

2.2 JUSTIFICATIVA

Sou formada em magistério e Pedagogia, trabalho com escolas desde os 17 anos de idade e a educação foi também um dos fatores que mais fortemente me ligou ao Satélite Prontidão. Minha história com o clube iniciou-se muitos antes de eu nascer, meu pai já o frequentava na sua juventude, e hoje, com 79 anos está exercendo seu terceiro mandato como presidente desta agremiação. Em 2007, eu então já tendo concluído o Ensino Superior, fui convidada a atuar como coordenadora pedagógica do Pré-Vestibular Popular (um curso vestibular destinado a alunos de baixa renda oriundos de escolas públicas) e lá permaneci até 2011. Foi uma experiência muito enriquecedora, pois me envolvi na administração atuando junto aos alunos e aos professores.

Em 1996, o Prontidão investindo na área educacional mais precisamente, na preparação pra o vestibular, passa a participar do Projeto Pré-vestibular Zumbi dos Palmares (criado no Rio de Janeiro e trazido para a capital gaúcha), uma atividade que tem a sua base na solidariedade dos professores e pessoas atentas e dispostas a investir de forma espontânea com os segmentos carentes representados na sua maioria pela comunidade negra. Ao desvincular-se do Pré-vestibular carioca, assume esse trabalho com a criação do Projeto Educacional Pré-vestibular da Associação Satélite Prontidão. Nesta nova versão o clube pode acrescentar ao projeto algumas modificações, tais como, a mudança de intensivo para extensivo (funcionando de janeiro até dezembro de cada ano), o aumento de vagas e a modificação de critérios para uma série de questões relativas á operacionalidade do projeto.



Figura 22: Alunos do Pré-Vestibular da ASP em sala de aula;



Figura 23: Sala de aula do Pré-Vestibular da ASP



Figura 24: Grupo de coordenadores e professores do Pré-Vestibular da ASP

Por que falar á respeito deste clube é tão importante para mim? O que ele possui em sua história que o torna tão especial a ponto de servir como tema desse trabalho acadêmico?

A Associação Satélite Prontidão foi declarada pela Lei Estadual número 13.183 de 23 de julho de 2009, Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul e desde a década passada, firmou-se como um importante polo de preservação e manutenção da cultura

negra gaúcha, promovendo através de seus inúmeros eventos a exaltação e orgulho da negritude, tornando-se um dos expoentes mais importantes dentro da história da cidade de Porto Alegre, servindo como referencial para várias gerações de negros e negras.



Figura 25: ASP declarada Patrimônio Histórico e Cultural do R

Porto Alegre é uma capital que como todas as outras abriga imigrantes de várias etnias, nesta grande metrópole, todas as culturas deixaram suas marcas, uma das maneiras dos negros deixarem a sua afirmação cultural foi através da criação dos clubes e sociedades. Como uma sociedade que recebe tão grandiosa honra pode não ser conhecida por uma grande parte da população porto-alegrense, e aqui me refiro a pessoas de todas as etnias?

Me sinto então no compromisso de tornar á público o conhecimento sobre o seu histórico e sua importância social, artística, cultural e recreativa, resolvi fazê-lo utilizando o acervo fotográfico do clube, da minha família e de amigos e colaboradores. Este trabalho não

é apenas um apanhado histórico através de fotografias, mas sim um meio de enfatizar a importância que esta sociedade tem historicamente dentro da cidade, como foi a participação das mulheres no clube e de que maneira as mesmas contribuíram para que lá ocorressem transformações; além das ideias e desejos em relação ao clube de pessoas que fazem parte do histórico da ASP. O clube realiza com empenho á 110 anos, um trabalho (seja através de festas, palestras exposições de arte, engajamento com a educação etc) em prol de uma etnia, enfatizando a afirmação e o orgulho negro, o respeito às tradições dos antepassados sem deixar de vislumbrar o melhor para o futuro. Aqui se verá uma visão resumida de sua atuação no âmbito cultural, passado e presente e uma análise de como suas ações tiveram significado junto á sociedade em geral e á comunidade negra, em particular.

Os objetivos deste trabalho são: mencionar um breve histórico do clube com destaque para as atuações a nível cultural da ASP; descrever sobre a importância da participação feminina dentro desta sociedade; sobre o uso da fotografia como instrumento de pesquisa; definir sobre Territorialidade negra, além da análise das entrevistas com pessoas que fizeram ou ainda fazem parte do clube, suas ideias sobre inserção feminina e atuações da sociedade que fizeram a diferença para negritude de Porto Alegre.



Figura 26: Coral da terceira idade da ASP;



Figura 27: Projetos de dança e música com crianças;



Figura 28: exposições de artes plásticas promovidos pela ASP, anos 80;

3 METODOLOGIA: NEGRAS IMAGENS EM FOCO

“As imagens nos impregnam”

(Win Wenders)

A fotografia tem para mim a capacidade de capturar um pedaço do tempo, de deixar gravada uma imagem e sempre que sentimos vontade de voltar á algum lugar ou momento, basta apenas olhá-la. Segundo Costa e Mautone “A fotografia se prestaria então a preservar e prolongar experiências e sensações que não estão mais atuantes, que não estão mais presentes” (Costa e Mautone, 2009, p.32). Meu trabalho vai ser o de resgatar memórias de eventos diversos, além de constatar a participação feminina no clube através de imagens.

É com esta frase que inicio as explicações a cerca da escolha por utilizar fotografias neste trabalho. A fotografia foi um dos inventos da modernidade que revolucionou a forma do homem se representar e se relacionar. Desde o seu nascimento no século 18, associou-se à antropologia e trouxe para a humanidade uma possibilidade de registrar o passado e resgatar a história. Andrade (2002,p.31-32), lembra que “[...] a fotografia mudou o comportamento do mundo! Assim como a antropologia, a fotografia tem um observador participante que escava detalhes e fareja com seu olhar o alvo e o objeto de suas lentes e de sua interpretação”. Para o autor Jacques Rancière na era da reprodutividade técnica qualquer um, ou melhor, a grande massa tem a possibilidade de fazer arte graças as artes mecânicas como a fotografia e o cinema mas para isso acontecer precisam primeiramente ser reconhecidas como arte e não apenas como técnicas de reprodução e difusão. É necessário que o anônimo, que o banal e por extensão as massas virem objetos de arte modernas para adquirirem visibilidade. [...] “porque o anônimo tornou-se um tema artístico, sua gravação pode ser uma arte”. (RANCIÈRE.2005). Após a fotografia entrar no cotidiano é que ela entra, para Rancière, na arte. A fotografia torna-se importante não somente pela técnica de capturar imagens, mas pela beleza de que qualquer um que souber dominá-la pode apresentar imagens de uma beleza e com características bastante específicas; por exemplo, uma simples rotina de empregadas lavando a roupa em um açude nos anos 30, pode ser uma foto de grande impacto e beleza. Para Eugène Atget¹ (1857-1927) “[...] a fotografia constituía uma forma de documentação e de manutenção da memória”.

¹ **Eugène Atget** (Paris, 12 de fevereiro de 1857 - 4 de agosto de 1927) foi um fotógrafo francês, hoje tido como um dos mais importantes fotógrafos da história. Passou toda a vida em Paris. Pioneiro, revolucionou a

Por isso escolhi trabalhar com a fotografia, pelas suas especificidades pictóricas (as cores ou a ausência delas, os ângulos, o enquadramento, as expressões capturadas pela câmera), pela maneira como ela me “impregna” me deixando extasiada e até mesmo emocionada com o que vejo e por ter conseguido encontrar fotografias através de pessoas comuns que guardavam consigo belas recordações de vários momentos vividos na ASP. Momentos estes registrados pelas lentes da máquina e que possivelmente estas pessoas (sócios, ex-sócios, presidente, ex-presidentes, frequentadores etc.), jamais pensassem que tornariam-se complemento importante de um trabalho acadêmico em pleno século 21. Meu trabalho está pautado em cima de fotos de várias décadas que servirão também para contar uma história; vários fatos em diferentes épocas, que apresentam eventos diversificados realizados pelo Satélite Prontidão.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa baseada nas imagens das fotos e nos relatos orais de pessoas que construíram histórias com a história do clube. O que eu fiz foi recolher as fotos com algumas pessoas, analisei quais as que serviriam para compor o trabalho. Separei-as por décadas e assuntos diferentes, por exemplo: algumas fotos são relacionadas à presença de mulheres no clube (há fotos desde a década de 40 até os dias atuais), outras são referentes a eventos sociais e artísticos que lá ocorreram (também á fotos antigas e fotos mais recentes) para assim exemplificar também através das imagens, os assuntos os quais eu estava tratando. Depois fiz uma coleta de dados referentes às entrevistas que foram realizadas com diferentes pessoas que fizeram parte do clube, pois acho importante não só as imagens, mas os relatos orais que servirão para enfatizar a importância da participação feminina na ASP. Foi exaustivo recolher fotos durante todo o segundo semestre de 2012, quando decidi sobre o tema a ser abordado em minha monografia. Procurei sempre por fotos bastante antigas e raras imagens. Fiquei muito satisfeita com o que consegui. As entrevistas foram mais fáceis de serem realizadas, procurei por mulheres que atuam no clube ou que já tiveram importantes participações dentro dele além do atual presidente. Conversei com pessoas de idades diversificadas, pois me interessava saber o que os mais velhos diferem em ideias dos mais jovens, por exemplo.

As fotos como eu já havia mencionado, servirão para contar uma história, a história do clube. Recorri a um processo chamado etnografia, que é um estudo descritivo de diversos grupos humanos (etnias), de seus caracteres antropológicos, sociais, etc. Durante meus

fotografia com seu olhar desviado do ser humano. Fotografava o vazio das ruas parisienses, e objetos inusitados.

estudos que descobri outro termo que se enquadra com mais precisão ao trabalho aqui desenvolvido, o da fotoetnografia. O termo foi criado por Luiz Eduardo Achutti² e designa uma das modalidades da antropologia visual, no site da Wikipédia encontramos a definição do termo fotoetnografia:

[...] é o registro, por meio de fotografias em sequências narrativas, de formas culturais captadas pelas lentes do antropólogo. Há sempre uma intencionalidade narrativa na maneira como as fotografias são apresentadas. Trata-se de uma apresentação de elementos da cultura que se associam a descrições por meio de palavras, não as substituindo, mas guardando certa autonomia, isto é, comunicando algo sobre a cultura estudada.³

O que o autor queria era contar uma narrativa não por meio de palavras, mas simplesmente através das imagens, que estas “falassem” por si só criando assim a possibilidade de uma “escrita fotográfica”. O fotógrafo teria então a capacidade de escrever com a câmera, de contar e não somente demonstrar fatos através das imagens. A fotografia apresenta-se como uma forma de descrição e interpretação dos dados obtidos e não apenas como um instrumento de coleta de informações a fim de realizar um simples levantamento da cultura estudada. A fotografia segundo o autor, deve ser encarada como a “materialização de um olhar”, o “discurso de um olhar” (p.111).

² fotógrafo **Luiz Eduardo Robinson Achutti**. Doutor em Antropologia pela Université Paris 7 Denis Diderot, Achutti é professor do Instituto de Artes e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Entre os livros publicados, estão *L'Homme sur la photo Manuel photoethnographie*, *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* e *Iberê Camargo por Achutti*

³ WIKIPÉDIA. Fotoetnografia. Disponível em : <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotoetnografia>> Acesso em 28 dez. 2012.

4 PARTICIPAÇÃO FEMININA NA ASP

A mulher negra veio trazida á força da África pra o Brasil e aqui trabalhou como escrava nas plantações, dentro das casas de seus senhores cuidando dos afazeres domésticos ou dos filhos deles. Muitas vezes não tinham como cuidar dos próprios filhos. Eram humilhadas por um regime escravocrata que imperava no Brasil, tratada como um simples objeto que poderia se usado e trocado. Eram babás, amas de leite, yalorixás(mães de santo) e através da oralidade ensinavam sua cultura para as novas gerações. Cânticos, danças, histórias e lendas africanas foram conhecidos pelos seus descendentes e pelos brancos também. Contam-se histórias de escravas negras que lideravam fugas de outros escravos, além de brancos e índios, para quilombos, como nos conta a autora Maria Ivette quando relata: “Num destes redutos de resistência vamos encontrar Felipa, escrava que no século XVII chefiou na região amazônica, um quilombo de mais de 300 pessoas e, por sua autoridade, obrigou o português a aceitar suas condições nos tratados e acordos” (ENNES, 1991, p. 88). Com a Lei Áurea, a maioria da população negra ficou na miséria, vivendo á margem da sociedade sem direito á um pedaço das terras em que haviam trabalhado como escravos durante tantos anos. Os autores Lúcia Regina e Luiz Carlos Amaro reforçam estes conceitos ao mencionar o seguinte:

A cultura festiva, artística e religiosa do povo negro praticada pelos seus descendentes é socialmente aceita, há tempos, pela sociedade brasileira, entretanto quando se trata de inclusão social, através de promoção de políticas públicas para dotar o negro, através da educação, para receber conhecimentos para competir em condições de igualdade no mercado de trabalho, para por esse modo ascender socialmente a realidade é bem diferente. Esse fato anômalo remota a segunda metade do século XIX em que a construção do fenômeno auferia ao negro o estereótipo de ser humano inferior, portador da identidade de negro ex-escravo, socialmente tolerado, predestinado a tarefas subalternas da sociedade. (PEREIRA; CARDOSO, 2002, p.76).

As mulheres praticamente continuaram desempenhando os mesmos papéis das épocas de escravidão, se submetendo por um espaço para morar com seus filhos, por comida ou má remuneração. Continuava a ser tratada como um ser inferior sem direitos de escolha sobre suas próprias vidas como afirma a autora Maria Izilda em seus texto sobre o desrespeito com a mulher que trabalhava nas casas das famílias “abastadas” e as consequências destes maus tratos:

O medo e o profundo respeito caracterizavam a trama das relações entre patrões e criados. Num cotidiano marcado por tal ambiguidade, não se poderia esperar dos criados apenas conformismo e passividade. A resistência, embora expressa numa consciência fragmentada, era, de certa forma determinante nas diferentes expressões de luta: fuga, indolência, mau humor, protestos sutis ou velados. Geralmente, as domésticas não tinham controle do seu tempo sempre determinado pela patroa [...] (MATOS, 1994, p. 210).



Figura 29: Rainha do Carnaval de 1932 da ASP

Mas surgiu o movimento feminista que era um movimento social, político e filosófico que tinha como meta a busca por direitos iguais entre homens e mulheres e uma convivência humana sem opressão dos homens sobre as mulheres. Iniciou-se no século XIX na Europa e

preocupou-se inicialmente com o direito das mulheres ao voto e a luta pela igualdade social e jurídica como a questão de direitos contratuais, oposição aos casamentos arranjados e de serem tratadas como propriedade pelos seus maridos; o segundo grande momento do feminismo teve como objetivo a liberação da mulher que iniciou na metade da década de 60 até o fim dos anos 80. Nessa época as feministas viam as desigualdades culturais e políticas das mulheres como questões intimamente ligadas e usaram os meios de comunicação em massa (tvs, rádios, publicidade) para encorajar outras mulheres a repensarem sobre suas vidas e a maneira sexista que o poder agia oprimindo-as. A partir da década de 90 abre-se uma brecha para dialogar sobre a mulher negra e começaram a discutir subjetividades (racismo, aceitação e etc) referentes a etnia. Os movimentos feministas querem garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à dos homens. Além disso, os movimentos feministas são movimentos intelectuais e teóricos que procuram desnaturalizar a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. No que se refere aos seus direitos, não deve haver diferenciação entre os sexos. No entanto, a diferenciação dos gêneros é naturalizada em praticamente todas as culturas humanas.

Muito mudou, mas muito ainda tem que mudar em relação às mulheres, várias conquistas foram feitas (voto, guarda dos filhos, leis trabalhistas, direito de amamentar o filho entre outros), mas muito ainda tem que ser combatido, muitas mulheres ainda são agredidas e mortas injustamente por seus companheiros. A sociedade deu um grande passo, mas ainda há um descompasso, cabeças machistas que subjagam mulheres com inferioridade como sendo seres frágeis que devem cuidar de afazeres domésticos apenas. E foi neste caminho da busca de igualdade que as mulheres iniciaram um processo de maior participação dentro da ASP.

Muitas das fotografias utilizadas servirão para evidenciar a atuação das mulheres dentro daquela sociedade, como iniciou o seu papel dentro do clube e como ele mantém-se atualmente. A mulher negra que antes era uma das responsáveis pela alfabetização de sócios, seus filhos e crianças do entorno do clube, e que em vários momentos desta história foi “enaltecida” através de concursos de beleza, como a escolha da Rainha Negra na década de 1940, com o passar dos tempos sua participação tornou-se mais expressiva. Fosse através de suas ideias e opiniões, da sua maneira de agregar outras pessoas ou da sua capacidade de junto com outras mulheres transformar o negativo em positivo. Isto só foi possível porque a mulher estava gradualmente inserindo-se cada vez mais na política, nas universidades, nos negócios, nas ciências, enfim, em todas as áreas importantes para o desenvolvimento do mundo. Estava acontecendo uma revolução nos conceitos como, por exemplo, as ideias de que as mulheres não tinham as mesmas condições intelectuais que os homens, que deveriam obedecer e se

submeter aos “comandos” de seus maridos e pais, não podiam ter voz ou vontades próprias estavam mudando e acontecendo uma participação maior das mulheres na sociedade. Esta inserção tornou-se mais forte nos anos 70 no clube e tem seus reflexos ainda nos dias de hoje.

Sito os anos 70, pois foi nesta década, como já relatei anteriormente, que as jovens do grupo Razão Negra se fizeram ser ouvidas, mesmo contrariando ideias de alguns homens machistas que ainda haviam no clube. Impuseram a sua presença e batalharam pelo seu espaço. Foram elas que introduziram a importância de se discutir com o público que frequentava a sociedade assuntos como saúde da mulher negra e doenças características da etnia. Trouxeram juntamente com os rapazes do grupo, a arte teatral ao encenar no ano de 1978, a peça “O Orfeu da Conceição”, ou seja, inovaram e engrandeceram. Abriram uma porta para que mais mulheres pudessem se fazer mais presentes e mais ativas.

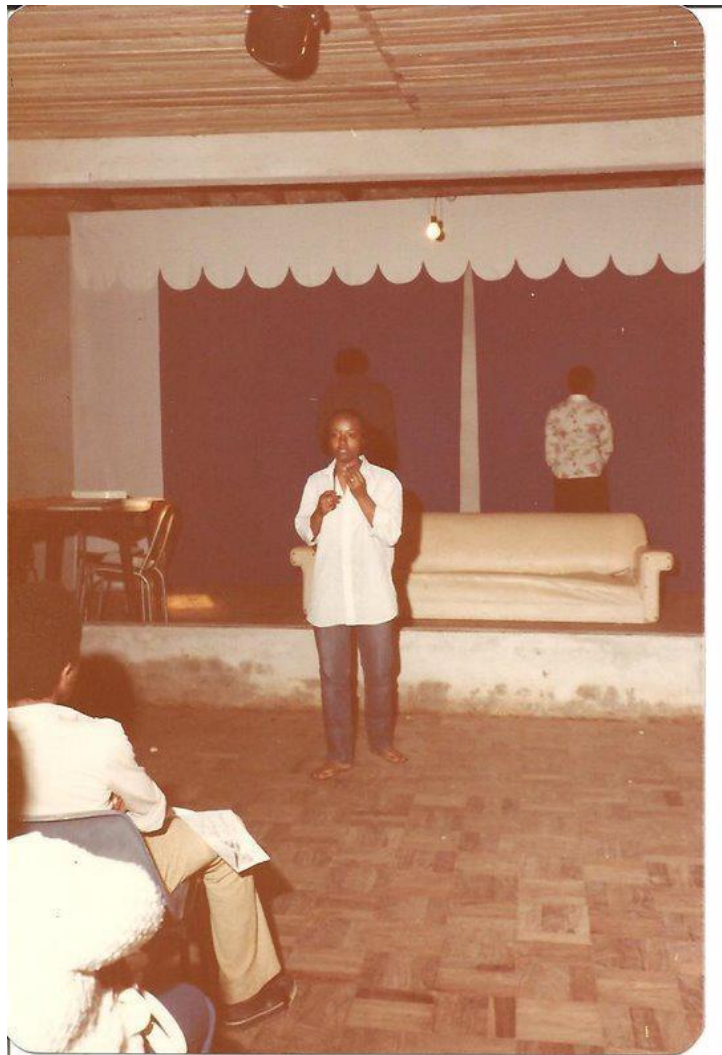


Figura 30: Encenação da peça Orfeu da Conceição;

Ao conversar com uma das integrantes do grupo a mesma me relatou que naquela época por parte dos integrantes, ganhava força a ideia de se exaltar as características físicas do negro como sendo de uma beleza própria da etnia, por exemplo, as mulheres gostavam de seus cabelos crespos, naturais, sem a utilização de produtos químicos que os deixassem parecidos com os cabelos de mulheres brancas, lisos. Todos gostavam e tinham orgulho da cor da sua pele. Algumas usavam túnicas como as que as mulheres africanas também usavam, bastante coloridas. Era um processo de autoafirmação, de aceitação, de se sentir bonito como realmente se é, sem a ideologia de que para se aceitar ou para se sentir belo precisa ser o mais parecido possível com outras etnias. O que queriam era criar um processo de conscientização, de crítica quanto a realidade.

Atualmente as mulheres negras já superaram muitas barreiras de racismo e discriminação de gênero, mas ainda assim são as que recebem os menores salários mesmo tendo as mesmas condições intelectuais de uma mulher branca. Muitas já ingressaram nas universidades, mas nem todas conseguem concluir seus estudos, pois precisam muitas vezes serem as “chefes” do lar, garantindo o sustento de toda uma família. Estas ideias são reforçadas pela autora Maria Ivete, quando afirma que: “[...] chegamos à conclusão que a mulher negra de hoje deseja ser chamada a participar de todos os projetos que atendam aos interesses das chamadas minorias, porque tem a certeza que de sua atuação crítica, dinâmica e consciente surgirão novas realidades que oportunizarão às gerações jovens a construção de uma sociedade de paz e justiça social.” (ENNES, 1991, p.92)

E ainda hoje vemos mulheres em funções administrativas dentro do clube, como a atual vice-presidente Carmem S. Machado Fountoura que há mais de 20 anos, trabalha pela comunidade negra através de projetos sobre saúde e educação entre outros temas variados, dentro do Satélite Prontidão. A mesma acha importante que mais mulheres façam-se presentes e que juntem esforços em prol de uma etnia.

5 TERRITORIALIDADE NEGRA

A história do clube faz parte da história da cidade de Porto Alegre onde ele foi fundado em 1902 e permanece em atividade até os dias atuais. É um local que busca além de prover o entretenimento e a educação, a luta em defesa dos valores e da cultura de uma etnia que, com orgulho e dignidade humana, fez e continua seu trabalho em favor da inserção social dos despossuídos e do respeito à igualdade de todos os brasileiros.

Integra-se à concepção de Território Negro Urbano, afirmado por Bittencourt, local de resistência cultural negra:

Nesses espaços, nos quais se consolidam os Territórios Negros Urbanos, os afrodescendentes constroem suas singularidades ao mesmo tempo em que reforçam o poder da inventividade das suas culturas, promovem a organização social e a impulsão da força política [...] Assim, surge a força de uma memória que emana de uma origem de matriz africana e que segue estabelecendo delimitações sociais urbanas contemporâneas, colocando o passado sobre o presente [...]”(BITTENCOURT, 2010,p. 140).

Para explicar o que é a ideia dos Territórios Negros Urbanos, recorro ao autor Iosvaldir Carvalho quando em seu texto “Territorialidade Negra Urbana: a evocação da presença da resistência cultural, política e de memória dos negros, em Porto Alegre, delimitando espaços sociais contemporâneos”, ele nos esclarece que a pesquisa sobre os Territórios Negros Urbanos é fruto da proposta construída pelo CRAB⁴ (Centro de Referências Afrobrasileiro) e integra o Projeto Monumenta, cuja coordenação geral é realizada pelo Programa Monumenta, por meio do Ministério da Cultura, em Brasília. A execução regional vem sendo executada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em Porto Alegre, RS, bem como em outras diversas cidades do país que foram contempladas com o mesmo programa. Os resultados da pesquisa tinham por objetivo consagrar determinadas áreas públicas do espaço social urbano da cidade, a fim de estabelecer processos de evocação da memória da presença negra em torno desse espaço, desde o período colonial até os dias de hoje. (BITTENCOURT, 2010, p. 129).

O clube recém inaugurado em 1902, permanecia em uma área de quilombo urbano, na atual Cidade Baixa em Porto Alegre e lá permaneceu até a enchente do ano de 1941 que inundou parte da cidade. O bairro constituía um dos territórios negros que a cidade possuía no

⁴ Dentre os objetivos do CRAB (Centro de Referência Afrobrasileiro), foram aprovadas as necessidades de reconstituir saberes e viveres ancestrais relativos a aspectos sociais, históricos, culturais e econômicos, preservando as origens africanas que contribuíram para formação do povo rio-grandense.

passado. A autora SOMMER (2011, p. 16) reforça este conceito: “São associados aos territórios negros características de laços familiares e parentesco, os usos e usufrutos da terra, as relações políticas com a sociedade envolvente, as formas de sociabilidade e a memória social em localidades habitadas por maioria de população afrodescendente”.

São nestes locais que os afrodescendentes afirmam a existência e a permanência da sua cultura: a dança, as artes plásticas, os rituais religiosos, a música que começa também a se mesclar com a cultura da cidade. Nasce assim, uma reinvenção cultural que tem por objetivo também resistir às adversidades. As tradições que vinham dos negros africanos, escravizados aqui no Brasil, iniciava um “diálogo” com uma cultura branca que dominava o país e com uma cultura indígena que já existia antes de outros povos aqui chegarem, automaticamente se remodelava para também assim, continuar existindo. Posso citar como exemplo os Orixás (que são os santos cultuados pelos africanos através do Candomblé, que era a uma das suas religiões) e que no Brasil sofreram um sincretismo, foram transformados nos santos da Igreja Católica para assim continuarem sendo reverenciados nos cultos das senzalas, sem que houvesse a interferência do homem branco. Era também nestes Territórios, que crescia o espírito de união, cooperação e auxílio mútuo, pois eram através dos mutirões para tratamentos médicos e odontológicos, por exemplo, que os negros colaboravam uns com os outros.

Forma-se assim uma identidade cultural regional formada por influências de várias etnias que acabam por compor a cultura de um país que ditam como devemos agir e quem somos. Stuart Hall em seus estudos sobre a cultura na pós-modernidade define que:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. (HALL, 2001, p. 50).

Construímos assim uma identidade nacional, porque a cultura do país produz um sentido sobre nós, sentidos com os quais nós nos identificamos como argumentou HALL (2001), “esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”.

O que existe no Brasil, existe com a cultura de todos os países miscigenados, um multiculturalismo que é o reconhecimento das diferenças, da individualidade de cada um. Daí então surge a confusão: se o discurso é pela igualdade de direitos, falar em diferenças parece uma contradição. Mas não é bem assim. A igualdade de que se fala é igualdade perante a lei, é

igualdade relativa aos direitos e deveres. As diferenças às quais o multiculturalismo se refere são diferenças de valores, de costumes etc, sendo que se trata de indivíduos de raças diferentes entre si.

No Brasil, o convívio multicultural não deveria representar uma dificuldade, afinal, a sociedade brasileira resulta da mistura de raças – negra, branca, índia – cada uma com seus costumes, seus valores, seu modo de vida, e da adaptação dessas culturas umas às outras, numa “quase reciprocidade cultural”. Dessa mistura é que surge um indivíduo que não é branco nem índio, que tampouco é negro, mas que é simplesmente brasileiro. Filhos desse hibridismo e tendo como característica marcante o fato de abrigar diversas culturas, nós, brasileiros, deveríamos lidar facilmente com as diferenças. Mas não é exatamente isso o que ocorre.

Ainda vemos discriminação principalmente com negros e indígenas que a todo o momento têm a necessidade de se impor perante uma sociedade branca e elitista que os subjuga como sendo inferiores devido o passado de seus antepassados escravos. É um “ranço” do passado que ainda vem atormentar, uma escravização feita neste país da maneira mais cruel que até hoje deixou vestígios de pobreza, de sentimento de inferioridade, de discriminação...

O Satélite Prontidão sempre apresentou em seus fundamentos, constituir-se como um Território Negro, seja por difundir uma cultura tipicamente negra (tipicamente negra defino assim, uma cultura que envolve ancestralidade e modernidade uma produção feita de negros para outros negros- música, dança, as artes de uma maneira mais ampla e que produzam um efeito de reconhecimento das suas origens e de admiração) ou por manter vivos ideais do tempo em que foi inaugurada, como, por exemplo, a preocupação com a educação e a saúde dos descendentes de africanos. Inicialmente esteve localizado em zona de quilombo urbano, anos mais tarde, como é até hoje, em bairro de periferia, em zonas residenciais onde a maioria dos moradores são negros. Esteve sempre em busca de seu público, seu povo, convidando-o a participar de suas atividades, a construir um espaço de troca de conhecimentos e saberes. O clube quer a participação do jovem, das mulheres, das crianças, do negro e do branco, de todos que batalham por uma sociedade realmente mais igualitária. Penso que é extremamente importante que governantes invistam neste clubes sociais, pois a maioria deixou de existir por questões financeiras, por não poderem manter as sedes abertas um ano inteiro sem uma significativa participação do público em seus eventos. E como são polos culturais de “resistência cultural”, devem ter sua permanência nas cidades garantidas.

6 ANÁLISE

Este trabalho foi baseado em imagens de fotos e entrevistas com 3 pessoas importantes na história da ASP, o atual presidente Nilo Feijó, a atual vice-presidente do clube Carmem Silvia M. Fountoura, a ex participante do grupo Razão Negra, Isamara Angelo e uma frequentadora do clube que já fez parte como aluna do Pré-vestibular Núcia Moreira. Escolhi estas pessoas porque quero mostrar o que pensam a respeito do clube pessoas mais velhas e pessoas mais jovens, homens e mulheres, quais suas impressões e o que esperam do clube para o futuro.

Através da análise das fotos pude comprovar a preocupação da Associação Satélite Prontidão em conquistar o seu próprio espaço, um local que servisse de referência para a comunidade negra portoalegrense como sendo um lugar onde encontramos referenciais de uma cultura negra preservada, mantida por outros negros que lá se encontravam. Tinham inclusive o cuidado para que as sedes se localizassem em zonas onde a maioria da população afro descendente estivesse, e isto ocorreu desde os anos de fundação (conforme registros em documentos que estão no clube, pois não há fotografias da primeira casa alugada para ser a primeira sede). Os primeiros eventos registrados por fotos referiam-se a atuação no campo recreativo somente, isso nas décadas de 40, 50 e 60. Podemos constatar inúmeros bailes diversificados como o Baile dos solteiros, os blocos de carnaval e o Baile dos 10 mais. Já nos anos 70 iniciam-se as primeiras atividades de cunho artístico no clube. Encenações de peças teatrais de autores negros, palestras de interesse da população negra e desfiles de moda. Nos anos 80 e 90, além dos temas já abordados em anos anteriores e que continuaram em ativa, observei uma maior preocupação com questões sobre educação, combate ao racismo, e uma maior abertura para eventos em que as artes eram evidenciadas (músicas, dança, artes plásticas) e eventos esportivos. Dos anos 2000 até os dias atuais continuou-se com os mesmos objetivos reforçando o conceito de que o clube é um Território Negro, pois desenvolve há 110 anos, atividades em vários âmbitos, como educação, esportes, saúde em prol da qualidade de vida da população negra. Proporcionando um espaço para manifestações artísticas e culturais negras, criadas por frequentadores e admiradores, trazendo para o seu convívio cada vez mais pessoas. Mantendo viva essa união entre os jovens e os mais velhos e enriquecendo a população com conhecimento.

Quanto a participação feminina, as fotos registram também um comprometimento em evidenciar que existia uma beleza negra que era própria e que devia ser valorizada, os eventos como a escolha da Rainha Negra na década de 40 deixam isso claro, que as mulheres negras

eram tão bonitas com as suas particularidades étnicas e estéticas (como o seu cabelo, o formato do seu nariz, a cor da sua pele, a sua maneira de dançar etc), quantos as mulheres brancas, ou seja, que também podiam ser “rainhas”, soberanas da beleza, mas também tinham que ser cultas. Conforme conversei com algumas pessoas que participaram destes concursos, exigiam que as candidatas tinham que estar estudando, saber sobre o que se passava no mundo naquela época e sobre o seu país, além de conhecer a história do clube. Eram concursos de beleza, como qualquer outro que faziam as mesmas exigências, porém nestes as candidatas tinham que pertencer á ASP e serem negras. Estes concursos prosseguiram até o início dos anos 2000, após o clube constatou uma total falta de interesse das próprias jovens em participar de eventos como esse.

Com o passar do tempo percebemos nas fotos mulheres organizando eventos sociais como festas infantis onde arrecadavam brinquedos para as acrianças e festas para angariar verbas para o clube, como o famoso Jantar só para mulheres realizados pelo grupo de Senhoras Prontistas. Em outras fotos vemos mulheres como a atual vice-presidente e a atual secretaria da cultura que é também responsável pela secretaria de pesquisa e acervos do clube, liderando eventos e palestrando para um grande público.

Com relação as entrevistas constatei que a maioria dos entrevistados conheceram o clube na infância ou na adolescência, por intermédio da família ou de amigos que já o frequentavam ou como o caso de uma das entrevistadas que conheceu o clube através das festas que aconteciam semanalmente nos finais de semana e em seguida inscreveu-se no Pré-vestibular como aluna. As mulheres concordam que muito já foi feito pelo clube, eventos de interesse da comunidade negra sobre saúde, educação, direitos entre outros. O Pré-vestibular é uma grande conquista pois oportuniza a pessoas de baixa renda complementarem seus estudos e que este projeto não deve nunca deixar de ser realizado enfatizou a atual vice-presidente Carmem. A entrevistada mais jovem, Núcia, acha que o clube deveria realizar mais eventos recreativos como os shows com músicos consagrados pelo público que comumente lotavam as dependências, gerando quase sempre um bom retorno financeiro fazendo com que na maioria das vezes os jovens participem mais do clube. Destacou que desta maneira o clube vai ser mais reconhecido pela população da cidade. Os mais velhos acham importante manter as festas, mas principalmente continuar com as programações que incluíam entregas de troféus as personalidades negras que se destacaram no ano como a entrega do troféu Zumbi em que todos os anos alguém é premiado. O presidente pontuou a importância de dar destaque para as pessoas que trabalho em prol de uma etnia por isso o clube criou este prêmio há mais de 10 anos. Isamara reforçou dizendo que o clube é até hoje reconhecido pelos eventos realizados

para a comunidade negra desde o tempo em que participou do grupo jovem Razão Negra e que estes foram ficando cada vez mais grandiosos contando com a participação de ativistas da comunidade negra de destaque como o senador Paulo Paim e o ex governador do Estado Alceu Colares.

Todos concordam que as mulheres destacaram-se de maneira mais presente na ASP. Somando esforços á presidência para inclusive criar projetos para arrecadação de verbas. Núcia comentou que na sala de aula do Pré-vestibular tem mais professoras do que professores e acentua que as mesmas desempenham de maneira exemplar o seu papel como educadoras, são mais pacientes com os alunos. Já Carmem diz que gostaria de ver mais mulheres negras juntando-se para trabalhar pelo clube e pelos afro descendentes e que ainda há muitos projetos que precisam da participação de um contingente maior de pessoas dispostas.

7 CONCLUSÃO

Terminei esse trabalho com uma sensação de dever cumprido, pois me sentindo com a obrigação de mostrar sobre a história da Associação Satélite Prontidão, o realizei pelo imenso carinho que tenho pelo clube e pela admiração que me causou após conhecer seu histórico. Não foi um trabalho simples de ser realizado, foram meses atrás de fotografias bastante antigas ou outras mais atuais com imagens raras. O que eu pretendi foi mais do que simplesmente mostrar fotos como se fosse um álbum, mas que mais pessoas também possam conhecer uma história de muitas vitórias, que foi construída pela persistência de homens e mulheres que acreditavam na união de um grupo à favor de toda uma etnia negra. O nascimento e a permanência desta sociedade foram conquistados com enorme sacrifício e até hoje é assim, persiste por conta própria mesmo sendo considerado Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul, não recebe incentivos financeiros e sempre encontra dificuldades para fazer parte de algum projeto cultural proposto pela Prefeitura da cidade. Como eu já havia mencionado antes, deveria ter algum tipo de colaboração financeira á nível federal, para que clubes e sociedades negras continuassem ativos, pois representam uma fração extremamente importante da nossa história gaúcha e brasileira.

Resgatar memórias, conversar com pessoas e ouvir suas opiniões foi extremamente gratificante serviram pra intensificar minhas conclusões á respeito da ASP que é um núcleo de promoção da cultura negra, do respeito á ancestralidade afro brasileira, ás manifestações artísticas criadas por negros e negras de todas as gerações. Que desde sua criação preocupou-se não só em promover diversão, mas também em garantir aos seus associados, que os mesmos pudessem ter condições igualitárias para viver em sociedade. Investiu em educação e até mesmo na saúde de seu povo. Percebeu como era importante que a mulher negra contribuísse de maneira eficaz, participativa, ativamente dentro do clube não a julgando como um ser “inferior” ou incapaz, mas como uma parcela única e importante para o crescimento da sociedade. Dispôs espaço para que o jovem discutisse sobre temas importantes, que se sentisse parte realmente fazendo parte do clube, não só realizando festas mas trazendo novas ideias, auxiliando na criação de um ambiente acolhedor para todas as gerações sem discriminação.

Quero que este trabalho possa ser utilizado também em escolas para que as novas gerações conheçam á respeito da importância de um local como este, seu passado, suas atuações no presente além dos planos para o futuro. São estes jovens que vão manter este local vivo. Este trabalho mostre o grande orgulho que temos pelas realizações do passado e da

esperança que tenho no futuro onde nos orgulhemos de nossa história e de nossas conquistas como sendo negros e gaúchos. Que sirva pra comunidade afrodescendente não desacreditar em seu potencial, que tornem-se cidadãos críticos e que qualquer oportunidade digna sirva para demonstrar a nossa capacidade. Que venham mais 110 anos de luta e muitas conquistas!

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

CARDOSO, Luiz Carlos Amaro. Negros: de escravos a trabalhadores livres. In: PEREIRA, Lúcia Regina (Org.) et al. **Negras Histórias no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Evangraf, 2002. p. 113.

COSTA, Ângelo Brandelli; MAUTONE, Guilherme. As imagens e as coisas: fotografia e produção de conhecimento. In: TITTONI, Jaqueline. **Psicologia e fotografia: Experiências em intervenções fotográficas**. Porto Alegre. Editora Dom Quixote, 2009. p. 24-45.

ENNES, Maria Ivette Nunes et. al. **Rio Grande do Sul-Aspectos da Negritude**. Porto Alegre. Editora Martins Livreiro, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

JUNIOR, Iosvaldir Bittencourt Junior. Territorialidade Negra Urbana: a evocação da presença cultural, política e da memória dos negros , em Porto Alegre, delimitando espaços sociais contemporâneos. In: POSSAMAI, Zita Rosane. **Leituras da Cidade**. Porto Alegre. Editora Evangraf, 2010. p. 129-159.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Porta adentro criados de servir em São Paulo de 1980 a 1930. In SORJ, Bila, BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1994. p. 210.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANTOS, Irene (Org.). **Negros em preto e branco: a história fotográfica da população negra de Porto Alegre**, 2005.

SOMMER, Michelle Farias. **Territorialidade Negra: A herança africana em Porto Alegre: um abordagem sócio-espacial**. Editora Biblioteca Setorial da UFRGS. Porto Alegre, 2011.

TRIUMPHO, Vera (org.). **Rio Grande do Sul aspectos da negritude**. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro. 1991.